





le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



FRANCISCO MANGABEIRA

---

# HOSTIARIO

« Ahi, nessa Cathedral do Amôr,  
o sacerdote pagão celebra a Missa  
Negra, ajoelhado diante da imagem  
de Nossa Senhora da Belleza, nua,  
coroada de pânpanos e côm o ce-  
ração varado pelas sete espadas do  
Ciume... »

---

BAHIA .  
IMPRENSA MODERNA  
Rua de S. Francisco, 29

1898



# HOSTIARIO



AO MEU QUERIDO MESTRE

*Mucio Feireira*

*que, não contente em ser Horácio, quiz  
tambem ser Mecenas.*



DONA LAURA



## I

Os versos que ora, cuidadoso, escrevo  
São Vossos, Linda Mulher em flor...  
Assim procedo, porque não devo  
Falar em prosa do meu amor.

Nelles procuro vasar minh'alma  
—Berço de sonhos e de esperanças.  
Dar uma idéa da luz tão calma,  
Que resplandece nas Vossas Tranças..

---

Entoar hymnos às lentejoulas  
Dos Vossos Olhos, onde a alvorada  
Reluz, e aos Labios cor das papoulas,  
E à Doce Fala Cadenciada.

Cantar a Vossa Belleza, o Vosso  
Riso, que tanto me faz scismar  
Glorificar-Vos. o que não posso  
Fazer, Senhora, sem Vos amar.

Assim os versos modestos, que ora  
Tenho ante os olhos, são um tributo  
A Vòs, tributo, que, humilde embora,  
Exprime o quanto padêço e lucto.

São Vossos! Como já tenho dito,  
Nelles minh'alma, tremula, canta  
Os meigos psalmos dum só bemdito,  
Graças rendidas à mesma Santa.

---

Para que nelles melhor exprima  
Tudo que sinto no coração,  
Accendo a Estrophe na luz da Rima,  
E accendo a Rima na Inspiração!

Encho de quadros a galeria  
Esplendorosa do pensamento,  
Prestando ouvidos à symphonia,  
(Que entôa a ave do sentimento.

De extravagantes, raros perfumes  
Embriagado, vejo ante os olhos  
Phosphorescencias de vagalumes,  
Praias desertas, negros escolhos.

Entre esses quadros um ninho eu vejo  
Onde pipilam dois colibris.  
Dentro em minh'alma cresce o desejo.  
E este desejo faz-me feliz.

---

Muitas loucuras nelles eu pinto. .  
Vê-se por isto que na cabeça  
Alguma coisa de estranho sinto.  
Della a Vossa Alma se compadeça!.

Quero que destes versos se aufira  
Tudo nuns traços firmes, Senhora,  
E só por isso dourei a lyra  
Que o Vosso Nome Celeste doura.

Vou relatar-Vos a minha vida.  
Escrevo-a, em puros zelos a arder,  
Para a escutardes. rindo, Querida,  
Quando eu com Vosco, chorando, a ler.

## II

**Q**UANDO viestes, os passarinhos  
Cantaram, e houve pelos cyprestes  
Cheiros de flores, vozes de ninhos,  
Quando viestes.

Quando sorristes, houve alvoradas  
Dentro das almas negras e tristes.  
Vieram ao mundo milhões de fadas,  
Quando sorristes.

---

Quando cantastes, as violetas  
Tambem cantaram por sobre as hastes...  
Nasceram rosas e borboletas,  
Quando cantastes.

Senhora, ao ver-Vos uma alegria  
Senti, e fortes senti meus nervos...  
Achei mais brilho na luz do dia,  
Senhora, ao ver-Vos.

Quando morrerdes o ethereo mundo  
Ficará cheio de astros; os verdes  
Campos—vasios; e eu—moribundo  
Quando morrerdes.

### III

**A**CCORDEI hontem de madrugada.  
No céo, qual numa concha de Ophir,  
A estrella d'Alva, triste e magoada,  
Brilhava; chammás ardiam pelas  
Nuvens; e as outras todás estrellas  
Eram topasios a refulgir.

A ultima sombra morreu; no espaço  
Eu já não via sangue tremer.  
E o sol — immenso medalhão de aço,

---

Surgiu, radiando vibrantemente,  
Em meio á grande forja candente.  
Que parecia se derreter.

Quando a alvorada fugiu, ancioso,  
Ao firmamento puz-me a falar :  
« Onde o diadema santo e glorioso  
Desta rainha gloriosa e santa,  
Que, assim que a loira frente levanta,  
Transforma o espaço num grande altar? »

Disse uma nuvem, nos ares: — Ella  
Partiu. quem sabe se volta mais?  
Talvez que nesta radiosa umbella  
Não mais a vejas, de trança solta.  
Timidamente, surgir envolta  
Em labaredas, ouro e coraes. »

Fiquei pensando, tristonho e mudo.  
Para onde iria todo o fulgor  
Da soberana, que no velludo

---

Do manto—joias de fogo ostenta,  
E que ante os olhos se me apresenta  
Qual uma santa sobre um andor.

Então me lembro que os resplendores  
Da madrugada, que me seduz,  
Tendes nos Olhos Deslumbradores  
E Irradiantes; por isso agora  
Vos vejo sempre na luz da aurora,  
E vejo a aurora na Vossa Luz.

---



#### IV

Sois tão formosa, tão decantada  
Qual uma fada  
De olhares meigos e fronte loura,  
Que andasse pelas  
Regiões celestes, minha Senhora.

As Vossas Tranças — eu julgo vel-As  
Cheias de estrellas,  
Em uma chamma fascinadora.  
Estou sem vista  
De tanto olhal-As, minha Senhora.

---

E, embora longe de mim exista  
    Essa luz mixta  
Da Vossa Trança, que tudo doura,  
    Ella o meu peito  
Reduz a cinzas, minha Senhora.

E que contraste vivo, perfeito  
    Com o triste aspecto  
Da minha face meditadora!  
    Ah! Sois um ninho  
Junto a um cypreste, minha Senhora.

Sem ter ao menos vista, caminho,  
    Tardo e sosinho,  
Por uma estrada negra e traidora:  
    Pois os meus olhos  
Cegam sem ver-Vos, minha Senhora.

O sol se esconde, vendo os abrolhos  
    Desses escolhos,  
E os deixa em treva contristadora:

---

Pois o sol brilha  
Nos Vossos Olhos, minha Senhora.

As flores pendem, e a mancenilha  
Tambem se humilha  
E perde a essencia provocadora;  
Pois só ha cheiros  
Na Vossa Carne, minha Senhora.

Os passariuhos alviçareiros  
Fogem ligeiros  
Dessa paragem assombradora  
Pois só ha cantos  
Nos Vossos Labios, minha Senhora.

Tambem se somem esses encantos,  
Que enchem de prantos  
A minha fronte padecedora;  
Pois só ha queixas  
No Vosso Rasto, minha Senhora.

---

Palpitam minhas pobres endeixas  
N'Estas Madeixas  
Da Vossa Fronte Deslumbradora.

..

Si ha no meu peito noites escuras,  
Luzem auroras frescas e puras  
No Vosso Peito, minha Senhora.



V

São os Seus Olhos côr da esperança,  
Côr da descrença meus olhos são.  
Ella é a môça feita criança,  
Eu sou o môço feito ancião!

São duas flores verdes e cheias  
Do orvalho frio das madrugadas.  
São como os olhos destas sereias,  
Que habitam grutas illuminadas.

---

Oceanos, onde vejo singrando  
Os loiros barcos das illusões,  
Que vão nas aguas mansas deixando  
Incandescentes constellações.

Tambem os Olhos Divinos d'Elle  
Como os oceanos são bem traidores;  
Calmos. e logo vem a procella,  
Quebrando as barcas dos meus amores.

São arrogantes, fortes, altivos,  
Têm uma chamma de endoudecer  
Fazem os mortos ficarem vivos  
E dão-me alentos para vencer

Num cemiterio negro repousa  
Minha pobre alma desamparada,  
E para que ella se erga da lousa  
Bastam os Olhos da minha Amada.

---

Pór uma estrada tortuosa e escura  
Ha muito tempo seguindo vou,  
E, vendo os astros em meio a altura,  
Cuido que uns Olhos fitando estou.

Quando Ella passa, meu peito canta  
Uma poesia, que assim termina:  
«Que Vossos Doces Olhos de santa  
Fuljam na noite da minha sina!

Que Vossos Olhos de luz tão calma  
Me banhem sempre num frouxo luar,  
Para que possa viver minh'alma,  
Para que eu possa ressuscitar!»



VI

**A**s minhas crenças são passarinhos.  
Voavam logo de manhã cedo  
Pelos caminhos.  
E o sol dizia:—Não tendes medo  
Destes espinhos?

Elles, alegres, como respostas  
Soltavam doces threnos, voando  
Pelas encostas.  
E eu, com receios, ia gritando:  
Nada de apostas!

---

Tinham nas azas todas as côres.  
Teciam suas bocas os cantos  
    Mais seductores.  
Vendo-os, morriam, cheias de encantos,  
    As proprias flores

Nas manhãs frescas iam aos prados  
Beijar as rosas, beijar os lirios  
    Immaculados.  
E então que beijos e que delirios  
    De namorados!

Tinham a graça das borboletas.  
Quando arrufavam, cantando, as pennas  
    Irrequietas,  
Deixavam loucas as açucenas  
    E as violetas.

Partiam cedo para a floresta  
E vinham, quando tombava o dia,  
    Cheios de festa.





## VII

**M**ãos de princeza, Mãos Delicadas,  
Alabastrinas, Leves e Puras.  
Têm a apparencia de caprichadas  
Cinzeladuras.

Não As pintára, com preciosas  
Tintas, em louças — um japonéz...  
Só As faria quem fez as rosas  
E os lirios fez.

---

A's vezes julgo vel-As voando  
Placidas, como dois passarinhos:  
E sinto dentro da alma cantando  
Milhões de ninhos.

Se acaso durmo, doira-me o somno  
Um sonho mesmo de enfeitiçar,  
Pois sou por Ellas levado a um throno  
Ou a um altar.

Depois eu julgo — que engano! — tel-As  
Na minha fronte que se povôa  
De luz e mostra grupos de estrellas  
Como corôa.

Ninguém no mundo se queixa ou soffre,  
Vendo Estas Joias de carne e olôr,  
Que têm a santa chave do cofre  
Do meu amor.

---

São duas finas taças de prata,  
Que alguma fada desconhecida  
Enche dum forte vinho, que mata  
E que dà vida.

Tambem recordam duas caçoulas,  
Que estão perfumes a desprender  
Um casalzinho branco de rôlas,  
No alvorecer.

Supporto angustias fundas, crúcientes,  
Vendo esses mimos encantadores  
Em meio aos homens— e tão distantes  
Das outras flores.

Se hão de murchal-As os desenganos,  
Agasalhai-As junto de mim.  
Que a alma dum poeta de desoito annos  
Lembra um jardim.

---

De muito longe bebo esse aroma,  
Que Ellas exhalam continuamente.  
E a dôr que sinto—ninguem a doma,  
—Ninguem a sente.

Ellas retratam a largos traços  
O Vosso Peito Piedoso e São.  
Eu vejo, ao vel-As, em dois pedaços  
Um coração.



## VIII

**T**ODA de preto me parecia  
Uma viuva triste e queixosa.  
Nos seus olhares brandos havia  
Uma tristeza casta e sombria,  
Uma tristeza mysteriosa.

Lembrei-me, ao vel-a, dessas figuras,  
Que vagam sempre nos cemiterios,  
Durante as longas noites escuras,  
Mostrando os sulcos das amarguras  
Nos rostos brancos, magros, funereos.

---

Eu via em torno della bailando,  
Macabramente, luzes phosphoreas.  
Altos cyprestes lamuriando,  
E uns agoureiros môchos pousando  
Por sobre as hirtas cruces marmoreas.

Estava em prantos; era a primeira  
Vez que chorava; seu meigo rosto  
Dir-se-ia o rosto de alguma freira.  
Tinha a brancura fria da cera  
E as doces nevoas dum ceo de Agôsto.

Era uma rôla.      porem sem ninho.  
Era uma estrella.   mas sem fulgores.  
Não tinha pennas. . o passarinho.  
Não tinha aromas.   o rosmaninho.  
O jardim murcho.   não tinha flores.

E ella chorando, meu Deus, emquanto  
No mundo as outras sorrindo eu vejo!

---

Seccai, Senhora, todo este pranto,  
Doire a sua alma divino encanto,  
Na sua boca palpite o beijo!

Qual é a rola que não tem ninho?  
Não ha estrella sem resplendores,  
Precisa de azas — o passarinho,  
Como de aromas — o rosmaninho,  
E como toda mulher — de amores.

A Vós de certo não me refiro,  
Pois a desgraça não Vos conhece.  
E se eu dissesse qual o retiro  
Onde ella mora? Rosa que admiro,  
Que me dirieis, se eu Vos dissesse?



IX

Sois uma fina  
Nuvem divina,  
Que me arrebatá, num arrebol.  
A's plagas, onde canta a alvorada,  
Qual uma fada,  
Noiva do sol.

E subo. e subo.  
Nevoas derrubo,  
Rasgando as vestes azues do ceo...

---

Em cima os astros, embaixo o mundo  
Sob um profundo,  
Pesado véo.

Vejo nos ares  
Brandos luáres,  
Tremulas chammas, flores de luz.  
Vejo alvoradas esplendorosas,  
Faces de rosas  
E corpos nús.

Entôa cantos  
Doces e santos  
O alado grupo dos serafins.  
Em mãos nevadas soluçam lyras,  
Voam saphiras,  
Ardem rubins.

Contemplo agora  
Nossa Senhora  
Por uma escada de ouro a descer

---

Em grupo, as santas rezam baixinho...

E eu, tão sosinho,  
Sempre a Vos ver.

Cantam as almas  
Puras e calmas  
Das criancinhas, cheias de amôr.  
Esta á alvorada mais se assemelha,  
Outra a uma abelha,  
Outra a uma flôr.

Sobem incensos  
Pelos immensos  
Paços risonhos e sideraes.  
Fogem. e, como nossas chimeras  
Das outros eras,  
Não voltam mais.

Eu, deslumbrado,  
Fico parado,  
Absortamente, na vastidão.

---

E, como o espaço, tem resplendores  
Deslumbradores  
— Meu coração.

A luz do sonho  
Nutro, risonho,  
Na alma repleta de amor e fé..  
Escuto risos pelos espaços,  
Tremor de braços,  
Beijos até.

Rio-me, e, enquanto,  
Cego de espanto,  
Pelos espaços vôo a cantar,  
Abandonais-me, tranquilla e pura,  
E eu pela altura  
Rolo a gritar

## X

**E**u sou um Novo Christo, Senhora!  
Estou ha muito crucificado,  
E vejo a plebe provocadora  
Cuspir-me o rosto martyrisado.

Andei cahindo por uns caminhos  
Accidentados, tendo na testa  
Uma corôa feita de espinhos.  
Oh! Não ha magoa que valha esta!

---

Ha muito tempo subo chorando  
O agro calvario da minha vida,  
Grandes feridas nos pés mostrando,  
Mostrando a face toda ferida.

Interminaveis são os meus dias,  
Os meus minutos parecem annos.  
Jesus não teve taes agonias,  
Taes desesperos, taes desenganos.

Vós sois a nova Virgem Maria!  
Vossa Figura Santificada  
Transforma em chammas a pedra fria,  
E torna a chamma petrificada.

Tendes nos Olhos brancos incensos,  
O Vosso Rosto lembra uma Igreja.  
Mundos e mundos tremem suspensos  
De Vossos Labios cor de cereja.

---

A's vezes penso que vejo estrellas  
Na Vossa Fronte, que tudo encanta.  
Se Vos coroam assim é que ellas  
Julgam-Vos uma formosa santa

Vossa candura me revigora,  
Por Vós eu soffro, por Vós existo.  
Ah! tambem sede Nossa Senhora  
Para o poeta, que é o Novo Christo!.





XI

SE Dona Laura soubesse quanto  
Soffro por Ella,  
Que, em a não vendo, soluço—e canto  
Feliz. ao vel-A

Que, quando durmo, subito accordo  
A soluçar,  
Que um negro barco me leva bordo  
Num negro mar

---

Que, ao sonhar, vejo funereas luzes  
A' cabeceira,  
E penso em campas, ossos e cruzes  
A' noite inteira.

E então A vejo, como eutoando  
Uma canção,  
Ir de violetas alcatifando  
O meu caixão.

Ergo-me numa tristeza infinda,  
Olhando o espaço.  
E cuido vel-A cantando ainda,  
E ouço-Lhe o Passo.

Depois se some numa apothese  
De astros a flux,  
Abrindo os Olhos para que eu gose  
De melhor luz.

---

Se Ella soubesse que, quando vago  
    Por estas ruas,  
De encontro ao peito meu sonho esmago  
    Em ancias cruas.

Que soffro muito, sem um consolo  
    Achar sequer,  
E que de dores em dores rolo,  
    Porque Ella o quer. .

Que sinto dentro de mim a morte  
    Ou a loucura,  
E que só vejo mais feliz sorte  
    Na sepultura.

Se Ella soubesse que é o motivo  
    Da minha dôr,  
Me tornaria de morto--vivo,  
    Com Seu Amor.

---

Não sabe. .E agora, lendo estes versos  
Cheia de magua,  
Trará os Olhos Verdes immersos  
Em gottas de agua.

E talvez diga, Tristonha e Molle :  
— « E' poeta, mas  
Soffre, e não acha quem o console.  
Pobre rapaz ! »



## XII

**E**u sei que os homens sorriem todos  
Do meu amor.  
Mas, Dona Laura, como são doudos  
Os homens todos,  
Que vivem rindo do meu amor!

Elles supõem 'que eu mesmo illudo  
Meu coração.  
Se se illudisse 'na terra tudo  
Como eu illudo,  
Oh Dona Laura, meu coração!

---

Talvez não saibam que no meu peito  
Nada mais ha  
Alem dum morto, que achou o leito  
Neste meu peito,  
Dona Laura, onde nada mais ha.

Transpassa o morto, de lado a lado,  
Grande punhal.  
Olhai-o, Dona Laura: — ó varado,  
De lado a lado,  
Por um comprido, grande punhal.

Traz nas mãos. Dona Laura, feridas  
Feitas de luz.  
Parecem duas plantas floridas  
Dessas feridas,  
Que são papoilas feitas de luz.

Tinha no rosto ligeiros tracos  
De ente feliz.  
Agora, Dona Laura, de braços

---

Presos, os traços  
Mostra dum ente, que foi feliz.

O morto, Dona Laura, de certo  
Sabeis quem é.  
Enchei de flores este deserto..  
E assim, de certo,  
Haverá vida no que morto é

Tende piedade de mim—um poeta,  
Que vai morrer  
E, sentindo a alma de dor repleta,  
Do pobre poeta  
Relede os versos, quando eu morrer.

Sinto que morro!. Mas Dona Laura  
Eu vejo a rir  
E, antes que o alento final exhaure,  
De Dona Laura  
Maldigo o Nome, por vel-A a rir.

---

Sei, Dona Laura, que riem todos  
Do meu amor.  
E agora vejo que não são doudos  
Os homens todos,  
Que vivem rindo do meu amor



DONA LEONOR



I

**N**ESTAS poesias eu Vos proclamo  
A vencedora do meu amor  
Resumem-se ellas nisto : — Eu Vos amo,  
Como as abelhas—o prado em flor.

— Poli o verso, conforme pude.

Para cantar

A primavera da juventude,  
Que vejo em Vossa Fronte brilhar.

---

Nestas poesias eu Vos proclamo  
A vencedora do meu amor  
Resumem-se ellas nisto : — « Eu Vos amo,  
Como a ave — o ninho cheio de olor.

Faço com ellas uma moldura  
Para engastar  
A Vossa Imagem Risonha e Pura,  
Os Vossos Risos. o Vosso Olhar

Nestas poesias eu Vos proclamo  
A vencedora do meu amor  
Resumem-se ellas nisto : — Eu vos amo,  
Como o sol ama seu resplendor

Uma corôa teço, e com ella  
Vou adornar  
A Vossa Face Divina e Bella,  
Illuminada pelo luar.

---

Nestas poesias eu Vos proclamo  
A vencedora do meu amor.  
Resumem-se ellas nisto:—Eu Vos amo,  
Como um crente ama Nosso Senhor.

Inda hei de ver-Vos, Senhora minha,  
A irradiar,  
Como se fosseis uma rainha,  
Vinda das terras de alem do mar.

Nestas poesias eu Vos proclamo  
A vencedora do meu amor  
Resumem-se ellas nisto:—Eu Vos amo  
Perdidamente, Dona Leonor.





## II

AGORA vivo, dias após dia.  
Lembrando minha doce alegria,  
    Que já passou.  
Uma infinita dor me envenena.  
    Pois só não pena,  
    Quem não amou.

Hontem, sorrindo, passastes perto  
De mim—um peito frio e deserto,  
    Sem coração.

E o rumor leve do Vosso Passô  
Cantou no espaço,  
Calado então.

Dos Vossos Risos as borboletas  
Lembravam brilhos de aureos planetas  
Sobre um paul.  
E era um pedaço do ceo, perdido,  
Vosso Vestido  
De seda azul.

Eu Vos olhava muito de longe,  
A' semelhança dum triste monge,  
Quieto, a resar . .  
Mas fostes pelas ruas afóra,  
Levando a aurora  
Na luz do Olhar.

Qual um cometa de cauda ardente,  
Tinheis a esteira resplandecente  
Dos versos meus.

---

O Vosso Rasto de chammãs e ouro  
Foi um thesouro  
Dado por Deus.

Por Vós, Senhora, nutria todo  
O amor, e, cego, cahi no lodo  
Deste paul.  
O Olhar me daveis, que hoje é cedido  
A Esse Vestido  
De seda azul.

Tendes a graça destas creanças,  
Que roubam ninhos às pombas mansas  
E às juritys.  
Riem-se as proprias coisas inermes,  
Vendo — dos vermes  
O mais feliz

E muitos outros cahem ainda,  
Crendo ver n'Essa Face tão Linda  
Flores e mel

---

Doidos! Quem chora vossa desgraça,  
Libou a taça,  
E encontrou fel.

Amanhã elles e Vós, Senhora,  
Verei na mesma boca traidora  
De algum paul  
Como mais tarde verei, no olvido  
Vosso Vestido  
De seda azul.



### III

**H**OUVE em minh'alma  
Um encantado, verde jardim  
Onde uma fada risonha e calma  
Vivia dando mel as abelhas,  
Que faiscavam como scentelhas,  
Ou como joias de ouro e rubim.

Espiralavam das lindas rosas,  
No quieto ar  
Finas essencias mysteriosas.

---

Sempre sorria, porque lhe era  
Interminavel a primavera,  
O sol mais fraco, mais forte o luar.

Bandos alegres de passarinhos  
Iam nos verdes ramos tecer  
Cheirosos ninhos,  
Que pareciam ser grandes flores  
Donde voavam cantos e olores  
Na apothese do alvorecer

Miniatura dum paraiso.  
Celeste plaga cheia de luz.  
Berço da crença, ninho do riso.  
Mas de repente  
Surgiste calma. serenamente.  
E em Vossos Olhos vi minha cruz.

Então as flores e até as aves  
O Vosso Rasto foram seguir,

---

Entoando meigos cantos suaves.  
Ficaram mochos. e nos canteiros  
Uns agoureiros  
Goivos de morte sempre a florir.

Hoje é em ruinas. Abandonado  
Não tem um ninho, nem uma flor  
Em torno d'elle tudo é calado.  
Só ha um triste vulto na treva,  
Que, ao hombro, o negro madeiro leva  
Do meu amor

---



IV

Vivo isolado; não vejo flores  
Pelos caminhos.  
E deixais que hoje, por entre dores,  
Eu cõlha espinhos  
Em vez de flores.

Porque não viçam mais os caminhos?

---

Ensaguentei-me todo; feridas  
    Trago nos braços.  
Se olho as estrellas esmaecidas,  
    Em brilhos baços,  
    Vejo feridas.

Porque só vejo sangue em meus braços?

Meu manto feito duma alvorada  
    Rompeu-se todo  
De encontro as urzes, que achei na estrada...  
    Ah! sou um doudo!  
    Sois a alvorada!

Porque meu manto se rompeu todo?

Depois fugistes, deixando em sombra  
    Meu peito frio.  
Onde os rumores daquella alfombra,  
    Daquelle rio,  
    Daquella sombra?

---

Porque meu peito ficou tão frio?

Tambem com Vosco foram as aves  
Cantando airosas,  
E as minhas crenças—mixtos suaves  
Do olor das rosas,  
Da voz das aves.

Porque fugistes, aves airosas?

Onde os trinados estonteantes,  
Onde os perfumes,  
Onde as estrellas, que eram diamantes  
Ou vagalumes  
Estonteantes?

Porque fugistes, sons e perfumes?

Tremiam flores antigamente,  
Por entre os ramos

---

Entoavam hymnos ao sol ardente  
Os gaturamos,  
Antigamente.

Porque ficaram seccos—os ramos?

Corriam fontes da agua mais pura,  
Tecendo harpejos  
Na relva. em tudo luz e frescura,  
Canções e beijos.  
Que vida pura!

Porque estas fontes não têm harpejos?

Porque minh'alma, que hontem sorria,  
Soluça agora?  
Qual o propheta que me diria  
Porque ella chora,  
Se hontem sorria?

Porque—Senhõra!—soluço agora?

V

Não ha no espaço noite mais negra  
Do que a da Sua Trança, no entanto  
Enche de luzes e mesmo alegre.  
As sepulturas dum Campo-Santo.

Não ha nos prados flor mais formosa  
Do que Essa Pura Face Risonha:  
Ao vel-A—o verme palpita e gosa,  
Ao vel-A—o mocho gorgeia e sonha.

---

Não ha estrellas de luz tão mansa  
Como Esses Olhos—meu evangelho:  
Fazem um velho tornar-se criança,  
Uma criança tornar-se um velho.

Não houve mimos no paraiso  
Como Esses Labios Provocadores:  
Todas as flores mostram num riso.  
E enchem de risos todas as flores

Não tem mais brilhos, a madrugada,  
Não têm as aves mais garrulice:  
Chorando. a lua fica magoada.  
Sorrindo. o proprio cypreste ri-se.

Não ha nos nichos santa mais santa.  
Não ha nos thronos rei mais altivo:  
Ao vel-A se ergue, sorrindo, a planta,  
E o sol se ajoelha. como um captivo.

---

Não ha no mundo vinho mais forte  
Do que Esse Riso, que a amar convida :  
Faz um ditoso buscar a morte,  
Um desgraçado buscar a vida.

O Seu Sorriso só não acalma  
A dor que dentro de mim se estende.  
—E' que ella nunca leu na minh'alma,  
E só minh'alma no mundo A entende.



VI

**E**u vivo dentro dum Campo-Santo  
Com sepulturas  
Frescas e puras,  
Onde repousa tudo o que canto.

As minhas crenças mais adoradas,  
Os mais risonhos  
E castos sonhos  
Meus — dormem nessas lousas fechadas.

---

Vi, entre prantos, o atroz coveiro  
Lançar à cova  
Minha mais nova  
Crença, e o meu casto sonho primeiro.

Gemem cyprestes, erguem-se cruces,  
Chorões se agitam...  
Ardem, crepitam  
Junto aos sepulchros macabras luzes.

Ri-se uma ermida branca e saudosa  
No alto do monte,  
Erguendo a fronte  
Sobre essa plaga mysteriosa.

A' noite, apenas sussurra o vento,  
Triste é chorando,  
Tremulo, eu ando  
Nós corredores desse convento.

---

Vejo nas campas, de mãos cruzadas,  
As crenças minhas  
Como rainhas  
Ou como freiras ciliciadas.

Ellas morreram talvez sorrindo  
Piedosamente.  
Dizem-no o algente  
Olhar, e o rosto sereno e lindo.

E eu, supportando dores immensas,  
Pergunto aos lirios  
E à luz dos cyrios  
Por quem resavam as minhas crenças?

Cambaleando, caio por terra.  
E um grande corvo,  
Hediondo e torvo,  
Em mim as suas garras enterra.

---

Tira-me o craneo, leva-me os braços,  
Rasga-me o peito  
Magoado e estreito,  
Crocita nelle, fal-o em pedaços.

E eu digo: Oh corvo, que, com empenho,  
Me dilaceras,  
Embalde esperas  
Roubar aquillo que eu já não tenho.

Grasnando, o corvo, lugubre e frio,  
Meu peito esmaga.  
Transforma-o em chaga,  
E foge, ao vel-o, triste e vasio.

## VII

**A**PESAR d'Estes Olhos e d'Esta  
Fala, que é uma rosea lagôa,  
Onde minh'alma — barquinha em festa  
Singra, cantando, —  
Apezar disto, vivo pensando  
Que não sois bôa.

Tendes o aspecto victorioso  
De algum soldado que, na batalha,

---

Vendo o inimigo cahir. vaidoso,  
Lhe pisa o craneo quente. e gargalha.

Vossos Olhares Santos de fada  
Me enchem de magoas, me enchem de furias.  
São uma clara, radiante espada,  
Que, rindo, corta  
Minh'alma, que hoje, presa, supporta  
Tantas injurias.

Não pensais nunca nesse poeta,  
Que celebra Vossa Figura.  
O astro se lembra da luz inquieta,  
Que em sua loira frente fulgura?

Eu soffro! A magoa mais penetrante  
Dentro em minh'alma vive, se aninha.  
Sou como a planta, que o viajante  
Pisa na estrada,  
E, apoz nas botas vendo-a pegada,  
Tira-a. e caminha.

---

O dia inteiro por Vós eu chamo,  
O Vosso Nome por tudo eu leio,  
Se não Vos ouço dizer: — « Eu te amo! »  
Dizei-me: — « Poeta, como eu te odeio! »

Se imaginasseis quanta tristeza  
Me causa o Vosso Despreso, quando  
Rides, ririeis menos, Princeza.  
Pois eu espinho  
O mais possível, todo o caminho.  
Que ides trilhando.

Gritareis inda, Flor Innocente,  
Qual uma pomba casta e bemdita,  
Que, ao ver a boca duma serpente,  
Sacode as azas, recua . . . e grita!



## VIII

**O**s passarinhos gorgeiam, quando  
Falais ou rides. Dona Leonor.  
Foi Vossa Doce Fala escutando  
Que elles cantaram com `mais amôr.  
Calam-se, longe do Vosso Rosto  
De cherubim.  
E quem não sente n alma o desgosto,  
Longe de tanta belleza assim?

As flores cheiram, somente quando  
Vêm Vossa Carne, Dona Leonor  
Foi Vossa Quente Carne cheirando  
Que ellas se abriram com mais amor  
Feneecem, longe do Vosso Rosto  
De cherubim.

E quem não sente n'alma o desgosto,  
Longe de tanta belleza assim ?

As plantas se enchem de flores, quando  
Vêm Vossas Tranças, Dona Leonor,  
Foi esse estio doce tomando  
Que ellas floriram com mais amor.  
Murcham-se, longe do Vosso Rosto  
De cherubim.

E quem não sente n'alma o desgosto,  
Longe de tanta belleza assim ?

Os astros brilham, somente quando  
Vêm Vossos Olhos, Dona Leonor

---

Foi Vossos Grandes Olhos mirando  
Que elles brilharam com mais amor.  
Desmaiam. longe do Vosso Rosto  
De cherubim.  
E quem não sente n'alma o desgosto,  
Longe de tanta belleza assim?

As borboletas voejam, quando  
Vêm Vossos Labios, Dona Leonor.  
Foi Vossos Labios Puros beijando  
Que ellas voejaram com mais amor.  
Não vóam, longe do Vosso Rosto  
De cherubim..  
E quem não sente n'alma o desgosto,  
Longe de tanta belleza assim?

As brisas falam, somente quando  
Vêm Vossos Braços, Dona Leonor.  
Foi pelos Vossos Braços passando  
Que ellas falaram com mais amor.

Não falam, longe do Vosso Rosto  
De cherubim.  
E quem não sente n'alma o desgosto,  
Longe de tanta belleza assim?

As criancinhas sorriem, quando  
Têm Vossos Beijos, Dona Leonor.  
Foi Vossos Castos Beijos gosando  
Que ellas sorriram com mais amor.  
Não riem, longe do Vosso Rosto  
De cherubim . . .  
E quem não sente d'alma o desgosto,  
Longe de tanta belleza assim?

Eu faço versos, somente quando  
Vos vejo o Todo, Dona Leonor,  
E foi o Vosso Todo lembrando  
Que eu compuz versos com mais amor





## IX

Fui encontrar-Vos numa janella,  
Nas Mãos o espelho, na Boca um Riso...  
Rieis sabendo quanto sois bella.  
Tinheis nos Olhos a luz da estrella,  
Na Boca as flores do paraiso..

Vóavam aromas purificantes  
Do Vosso Longo Cabello Preto.  
Vendo-Vos entre luzes radiantes  
Compuz aos poucos os faiscentes  
E claros versos deste soneto :

---

Tendes na Face luzes e flores,  
Tendes nos Labios risos e cantos.  
Eu tenho n'alma somente dores,  
Nos olhos tenho somente prantos.

Nas minhas rimas construo andores,  
E deixo em cima delles os Santos  
Anjos, que amparam os meus amores,  
Agasalhando-os sob os Seus Mantos.

Tendes nos Hombros azas trementes,  
No Rosto — joias incandescentes,  
Nos Lindos Olhos — um arrebol.

Por isto agora Vos aconselho:  
Quebrai o Vosso ruim espelho,  
Se quereis ver-Vos, fitae o sol.

## X

**P**ALPITAM chamma, gorgeiam aves  
Pelos espaços cheios de aromas.  
Os arvoredos recordam naves,  
Os proprios ninhos lembram redomas.  
Ouço alegrias sonorisantes  
    Pelos caminhos.  
No sol faiscam mil diamantes,  
Voam nos ares mil passarinhos.  
As nuvens brancas lembram arminhos  
    Irradiantes.  
    Feitos de luz,  
Que vagam como grupos de amantes  
De peitos quentes e braços nús.

Se tudo canta ferventemente  
Por sobre a terra glorificada,  
Se em cada nuvem de oiro se sente  
O brilho fulvo duma alvorada,  
Se até as aves com mais amores  
    Entoam hymnos,  
Se em toda a parte se ouvem cantores  
·Entoando psalmos doces e finos.  
Porque Esses Vossos Labios Divinos  
    E Seductores  
    Desferem ais?  
Dizem-Vos, tristes, as proprias flores :  
— « Porque Estes Labios não cantam mais? »

\* \* \*

Ouçõ ruidos leves de beijos  
Pelas risonhas veigas cheirosas.  
Dentro dos ninhos.   que rumurejos !  
Que rumurejos em torno às rosas !  
Os passarinhos abrem as pennas,  
    Esvoaçando

---

Em torno aos lírios e às açucenas,  
Que vão agora desabrochando.  
As fundas trevas ouço cantando  
    E têm apenas  
    Brumosa cor  
No mar as aguas estão serenas,  
Cícia a aragem com mais amor.

Se eu ouço em tudo beijos ardentes  
E vejo lábios amantes pelas  
Flores, que guardam nos seios quentes  
Perfumes, cantos, gritos e estrellas,  
Porque Vós tendes na Alma — violetas  
    Em vez de auroras.  
Como essas noites longas e pretas,  
Em que parecem annos as horas?  
Nella não vejo fontes sonoras,  
    Nem borboletas.  
    Deus diz então :  
Enchei de luzes irrequietas  
A funda noite do coração.

---

E o sol glorioso, vertendo brazas,  
No firmamento, bem alto, exclama :  
« Para as phalenas Deus fez as azas  
E fez o mundo para quem ama.. »

---

## XI

**E**NTÃO não cantas? — a um passarinho  
Perguntei; e elle tonto de dor  
Disse :— « Não canto, porque meu ninho  
Não é n' Aquella Boca de flôr.»

Pois não perfumas? -- com interesse  
Disse a uma rosa de nivea cor :  
«Perfumaria só se nascesse  
Dentro d' Aquella Boca de flor.»

---

Vi uma estrella pallida e fria.  
Perguntei, rindo : Não tens fulgor?  
E ella me disse : -- Só brilharia,  
Junto d'Aquella Boca de flor.»

Eu disse á lua, que estava escura :  
Porque não brilhas, astro do amor?  
E ella me disse : -- Não tenho alvura,  
Longe d'Aquella Boca de flor.»

Senti nas carnes um calefrio,  
Ouvindo o vento murmurador  
Dizer em prantos : -- « Eu só cicio  
Em torno A'quella Boca de flor »

Meu peito estava mudo e gelado :  
Então não pulsas? Não tens vigor?  
E elle me disse : « Sou abrazado,  
Perto d'Aquella Boca de flor.»

---

Achando tudo negro e tristonho,  
Eu disse, cheio de dissabor :  
Só viajo pelo paiz do Sonho,  
Ao ver Aquella Boca de flor.

E uma voz lenta, pausada e santa  
Ouvi. transido pelo terror :  
« O mundo vive, gorgeia e canta  
N'Aquella Fria Boca de flor ! »

Então, eu disse, não ha um ente  
Que da ventura gose o dulçor,  
Desde que tudo chora descrente  
Sem ver Aquella Boca de flor.

Senti um frio pela epiderme  
Ouvindo a fala do Creadôr  
Dizer : — « Ditoso será o verme,  
Que roer Aquella Boca de flor ! »



## XII

**M**INHA Formosa Senhora, um poeta  
Vem sob as Vossas Plantas deixar  
Uns pobres versos, onde interpreta  
O que as aragens dizem ao mar.

E' muito moço; guarda um profundo  
Desejo dentro do coração:  
Ver-Vos bastante longe do mundo,  
No céu das crenças e da illusão.

---

Então, ao ver-Vos, a aurora. cega,  
Vos cederia seu bergantim  
Feito de chammas, onde navega  
Um marinheiro côr de rubim.

Como não posso ver isto ao menos  
Durante a vida se realisar,  
Vos teço, minha moderna Veus,  
Um fulvo manto com a luz do luar.

E, ante os meus olhos, ides passando  
Entre os archanjos, em procissão,  
Num andôr branco, me recordando  
Nossa Senhora da Conceição.

Na Fronte um roseo nimbo fulgura.  
E, á semelhança dum cherubim,  
Erguei-Vos muito risonha e pura  
Por sobre um solio de ouro e marfim.

---

Enchi meu peito de luz e flores,  
Que começaram a rebentar  
Julgo que a Deusa dos meus amores  
Deve estar sempre sobre um altar.

E, ahí estando, conforme penso,  
Ouvireis, minha Deusa, a oração,  
Que, entre os espessos rolos do incenso,  
Meus labios seccos murmurarão :

« Virgem das virgens, Candida Rosa  
De algum ignoto, casto jardim.  
Volvei-me a bençã mysteriosa  
Dos Vossos Olhos de serafim !

Venho de muito longe : não trago  
No peito luzes, e o Vosso Olhar  
E' um tranquillo, sereno lago,  
Onde minh'alma quero banhar !

---

« Sois uma estrella pura, que brilha  
Da minha noite na escuridão  
Cega, entre espinhos, minh'alma trilha...  
Sede-lhe guia! Deitae-lhe a Mão!

« Quando o sol anda pelo levaute  
Tem a figura dum mandarim.  
Que, envolto em fina seda flammante,  
Passeia dentro dum palanquim.

« Nenhuma estrella no azul crepita  
Mas vê-se a estrella d'Alva brilhar  
Dizem por isto que é favorita  
Do sol brilhante, que a vae deixar.

« Quando o sol morre nos dá a idéa  
Dum glorioso, velho sultão.  
E o occaso é uma grande epopéa  
De labaredas na vastidão.

---

« E a lua, como triste princeza  
Viuva, desponta no ceo — e assim  
Que o sol expira, fervente, reza,  
E ás suas magoas não acha fim.

« Minha Senhora, seccai o pranto,  
Que no meu rosto vedes rolar,  
Por Vós eu tenho chorado tanto,  
Que não mais devo por Vós chorar!

« Curae meu pobre peito lanceado  
Por Vosso Orgulho cruel, e então  
Tereis um novo crente, curvado,  
Vos adorando com devoção.

« Agasalhai-me, Celeste Pomba,  
Que estou cançado! De longe vim!  
Tenho a tristeza do sol que tomba.  
Ai! Sede a lua! Chorae por mim!







I

**P**ALPITEM luzes no espaço inteiro!  
O sol fulgure mais deslumbrante!  
E minha musa no jasmineiro.  
Da Poesia gorgoeie e cante!

Passa em triumpho numa charola,  
Que cede ao peso de mil tropheus,  
Esta de Linda Face Hespanhola,  
Que tem nos Olhos todos os ceus.

---

O anjo da Gloria radiante e louro  
Cedeu-lhe duas tremulas azas,  
E poz em Suas Madeixas de ouro  
Um diadema feito de brazas.

Lança faiscas e resplendores  
Dos Hombros Quentès, Brancos e Nus.  
Vendo Seus Labios — morrem as flores,  
Vendo Seus Olhos — desmaia luz.

Pombas de fogo voëjam pelas  
Suas Madeixas incendiadas,  
Que são um loiro ninho de estrellas,  
Que têm a chamma das alvoradas.

Em torno d'Ella vejo de joelhos  
As borboletas e os colibris.  
Nos Seus Pequenos Labios Vermelhos  
Flôrem papoulas, sangram rubis.





## II

QUANDO nas salas, tremulo, vejo.  
O Vosso Airoso Vulto passar,  
Penso que vejo  
( Não é gracejo )  
Um alabastro cheio de luar.

Quando Essas Tranças copiosas vejo  
Ardendo tanto como o arrebol,  
Penso que vejo  
( Não é gracejo )  
Raiar em cima dum monte — o sol.

---

Quando um Sorriso pairando vejo  
Nos Vossos Labios de cherubim,  
    Penso que vejo  
    ( Não é gracejo )  
Brazas cantando junto a jardim.

Quando Esses Olhos Inquietos vejo  
Envoltos numa poeira de luz,  
    Penso que vejo  
    ( Não é gracejo )  
O olhar dos olhos bons de Jesus.

Quando uma rosa gosando vejo  
Vossas Caricias Celestiaes,  
    Penso que vejo  
    ( Não é gracejo )  
O meu passado, que não vem mais.

Quando essa rosa mais tarde vejo  
Emmurchecida na Vossa Mão,





### III

**P**ASSASTES cheia de luz, trazendo  
Um leque aberto numa das Mãos.  
E os passarinhos foram dizendo :  
« Eis, Oh Regina ! Vossos irmãos ! »

E os passarinhos todos, em bando,  
Abrindo as azas, a doudejar,  
Diziam : « Vejam que Rosto Brando !  
Meu Deus que Riso ! Que Doce Olhar ! »

---

Diziam muito baixinho as rosas,  
Vos vendo o Rosto de serafim :  
« Não brillham flores tão perfumosas  
Como as que vemos neste jardim.

Não brillham astros mais radiantes  
—Dizia a aragem cheia de amor —  
Do que Estes Olhos, que são diamantes,  
Jóias de fino ciuzelador.

« Como Estes Olhos, que abrem ainda  
Das primaveras da vida o véo,  
Não ha no mundo coisa tão liuda,  
Talvez nem haja no proprio ceo.»

« Não! Ha no mundo — disse uma rosa —  
A Estes Divinos Olhos igual  
A Sua Fala que é sonora,  
Como os tinidos são dum crystal.

---

« A Sua Fala Branda e os Seus Bellos  
Olhos são dignos rivaes, porém  
Como a alvorada d'Estes Cabellos  
O proprio espaço luzes não tem.»

« Como alvorada de Suas Tranças  
— Um passarinho vi proferir —  
Vejo Este Rosto — ceu de esperanças,  
Vejo a alvorada d'Este Sorrir.

Vejo Este Rosto de archanjo. Nesta  
Doce conversa foram. e quiz  
Deus, carinhoso, que, rindo, em festa,  
Vos coroassem os colibris.

Deus carinhoso, sorriudo a todos,  
Um forte grito nos ares deu :  
— Ao que comparam, meus pobres doudos.  
O Descuidado Coração Seu ?

---

Ao que comparam? Ao que comparam?  
Elles não deram resposta, não.  
Tristes, bem tristes, no azul voaram  
Balbuciando: — « Que Coração!

---

## IV

### I

Sois uma cobra que anda de rastro.  
Perdão! queria dizer: — um astro!

Tendes nos Olhos um esgarceo.  
Perdão! queria dizer: — o céo!

Nos Vossos Labios só vejo espinhos.  
Perdão! queria dizer: — carinhos!

Os Vossos Risos mostram punhaes.  
Perdão! queria dizer: — rosaes!

Tendes na trança malditos numes.  
Perdão! queria dizer: — perfumes!

Guardais no Peito paixões ruins.  
Perdão! queria dizer: — jasmins!

Parecem charcos Vossos Olhares.  
Perdão! queria dizer: — luares!

Fostes formada de lama e puz...  
Perdão! queria dizer: — de luz!

## II

Ha soes da Vossa Carne nas dobras.  
Errei! queria dizer: — ha cobras!

Os Vossos Olhos são meu phanal.  
Errei! queria dizer: — meu mal!





V

**T**ENDES na Boca philtros divinos,  
Canções, auroras, passaros, hymnos,  
Raios de luar  
Se acaso rides, dobro os joelhos  
Doido — ante os Vossos Labios Vermelhos,  
Cego — ante o Vosso Piedoso Ohar.

Na Vossa Boca, ninho do riso,  
Eu vejo scenas do paraiso:  
Comtemplo Adão

---

Com Eva nua sobre os seus braços,  
E sinto beijos pelos espaços.  
E vejo um anjo na vastidão.

Lembra uma rosa feita de sangue  
Desabrochando, tumida e languê,  
Em um vergel.  
Ahi esvoaçam milhões de abelhas.  
Que chispam, como vivas centelhas,  
Crendo vêr n'Elle favos de mel!

Tenho o desejo forte e raivoso  
De mastigal-A. voluptuoso.  
Nos dentes meus.  
Será tão doce, como supponho.  
O fructo, que ora se abre risonho,  
Como se fosse feito por Deus?

Terá o fogo das labaredas,  
Ou a brandura propria das sedas  
Orientaes?

---

Não sei. apenas sei que Ella encerra  
Coisas divinas, coisas da terra,  
Ninhos cantando, frios punhaes.

Só Esse Dote da natureza  
Coroaria como princeza  
Outra qualquer  
A Vossa Boca Risonha e Calma  
Tem sangue e nervos, possui uma alma,  
Egual à alma duma mulher.

E' uma aurora risonha e casta  
Onde, radiando, treme e se engasta  
Todo este amor.  
Possue um vinho, que me embriaga,  
Que enche de aromas a grande chaga  
Minha, tornada roseira em flor.

Eu abenço-A profundamente,  
Como o selvagem admira o ardente  
Sol da manhã.

---

Sou fetichista ; declaro agora  
Que a Vossa Quente Boca Sonora  
E' o Deus da minha seita paga.

---

## VI

**J**Á me disseram que Vossa Trança  
Foi um presente, que o loiro sol  
Vos mandou, como simples lembrança,  
Pela embaixada dum arrebol.

Vossos Cabellos, por consequencia,  
São fios de ouro que o sol teceu.  
Dos astros essa risonha ardencia  
A terra em Vossa Fronte desceu.

---

E' como a trança duma sereia  
A Vossa Loira Trança Gentil.  
Deslumbra, prende, vence, encandeia,  
Um passarinho muda em reptil.

Ao vel-A, vê-se rapidamente  
Tudo de bello que no ceo ha.  
Não se approxima d'Ella o fulgent'e  
Manto radioso de algum radjah.

A madrugada surgindo, envolta  
Em pedrarias, não brilha mais  
Do que Essa Trança, quando está solta,  
Cheia de joias celestiaes.

E' uma planta mysteriosa,  
Onde vicejam flores de luz,  
Que enchem de aromas a vaporosa  
Carne dos Hombros Altos e Nús

---

Um mar de chammas, em cujas ondas  
Singram galeras vindas de alem  
Que às Vossas Quentes Formas Redondas  
Levam thesouros que os reis não têm.

Era a minh'alma noite fechada.  
Noite fechada — meu coração.  
E a Vossa Trança foi a alvorada,  
Que encheu de luzes a escuridão.

---



VII

**N**A festa. Toda de branco. Nunca  
Fui tão feliz! —  
**Senti-me** livre da garra adunca  
Do mal, e nunca  
Fui tão feliz.

A Sua Veste me parecia  
Feita de luar  
**Tanto** brilhava, tanto fulgia,  
Que parecia  
Feita de luar

---

Foi um archanjo que a Roupa Branca  
Lhe foi vestir.  
Minh'alma, ao vel-A, cantou, e franca,  
De roupa branca  
Se foi vestir.

Um chapéosinho, que perfumava  
Qual uma flor,  
Tremia em Sua Cabeça Flava,  
Que perfumava  
Qual uma flor.

Quando Ella andava, corriam hymnos  
Pela amplidão.  
E aos Seus Tranquillos Passos Divinos,  
Corriam hymnos  
Pela amplidão.

Era uma pomba que tinha as pennas  
Cheias de luz.

---

Guardava o aroma das açucenas  
Nas Suas Pennas  
Cheias de luz.

Entrou na igreja. De branco. Em frente  
Do altar rezou.  
Então o povo ferventemente  
Correu, e em frente  
D'Ella rezou.

Sahiu da igreja, cançada e anciosa,  
Com seu chapéo.  
Qualquer pessôa, vendo Essa Rosa,  
Tirava, anciosa,  
O seu chapéo.

Umás crianças riram, ao vel-A  
Sorrir, assim  
Como uma clara, risonha ostrella  
Sorriu, ao vel-A  
Sorrir assim.

---

Foi-se entre bênçãos. . Eu não fui nunca  
Tão infeliz.  
Morde-me a garra do mal, adunca  
Vejo-A. Na festa. de branco. Nunca  
Fui tão feliz!



## VIII

**R**IDES. e eu penso que Este Sorriso  
E' uma alvorada,  
Que doira as flores 'do paraiso.  
Onde uma fada  
Risonha e loira com os anjos mora.

Eu julgo mesmo que a luz da aurora  
Não tem o encanto,  
Que vejo n'Esta Boca Sonora,  
Que, rindo tanto,  
Enche de auroras o espaço inteiro.

---

Um passarinho, num jasmineiro  
Cheio de flores,  
Olhando o ninho, que exhala um cheiro,  
Que tem fulgores,  
Eu vejo, ouvindo Riso tão Puro.

Palpitam luzes no que era escuro,  
Clareia a treva,  
Fulge a alleluia do meu futuro,  
Tudo se eleva,  
Gorgeia, treme, fulgura e canta

Ha uma alegria divina e santa  
No azul em brazas,  
Abram-se flores em qualquer planta,  
Revôam azas,  
Enche-se a lama — de labaredas.

As leves brisas lembram-me sedas  
Finas e mansas.

---

Vejo nos ares cem alamedas  
Cheias de crianças  
Frescas e alegres, roseas e puras . . .

Sinto delicias, goso venturas  
Abençoadas, santas e calmas.  
E' que, ao sorrirdes, oh minha Louca,  
Mostrais unidas as nossas almas  
Na aurora quente da Vossa Boca.

---



## IX

**E**M alegrias fortes prorompa  
Nervosamente meu coração,  
Que se celebra, com toda a pompa,  
Um desvairado festim pagão.

Corra um delirio pelo Universo;  
Que nem um homem pense sequer,  
E occupe o loiro solio do Verso  
A Imagem Branca duma Mulher !

A um riso d'Ella, deixem os filhos  
Mortas nas chammas as proprias mães,  
E aos Seus Pés tremam fracos, sem brilhos,  
Os astros, como se fossem cães!

Lancem blasphemias todas as bocas,  
Os ares sejam um escarceo,  
As aves fiquem mortas ou loucas,  
E as nuvens todas ardam no ceo!

Raios e roncões de trovoadas  
Venham o espaço negro ferir.  
E, entre essas raivas desordenadas,  
Ella, no solio, branca, a sorrir

Para de beijos encher o Ardente  
Corpo da minha Deusa Pagã,  
Eu quereria ser Deus clemente,  
E choraria não ser Satan.

---

De almas sangrentas e cancerosas  
Se erija um throno descommunal,  
Onde Ella se erga, nas Mãos Formosas  
Sustendo um rubro. quente punhal.

Soluce o vento pelos espaços,  
O oceano ferva cheio de dôr,  
E esmague peitos. craneos e braços  
Seu Grande Carro Triumphador.

Quando Esse Carro Sombrio e Horrendo  
Por sobre o sangue morno passar,  
Cantarei sendo Satan — e sendo  
Deus, pelas trevas irei chorar.

Depois os corpos estreitamente  
Unamos, delles fazendo um só.  
E então o Carro furiosamente  
Os pise, unindo-os no mesmo pó.



## X

VENHO de longe, peregrinando,  
Não acho onde me agasalhar.  
Rasguei-me todo pelos caminhos,  
Trago as roupagens cheias de espinhos,  
Não acho onde me agasalhar  
Agasalhae-me, Sorriso Brando,  
Cabeça de ouro, Celeste Olhar!

---

O meu cajado foi se quebrando,  
Não posso agora mais caminhar  
As minhas plantas estão cobertas  
Dessas vermelhas chagas abertas.  
Não posso agora mais caminhar  
Sede meu guia, Sorriso Brando,  
Cabeça de ouro, Celeste Olhar!

Meus labios foram mudos ficando,  
Não posso agora rir e cantar  
Ando sosinho por essa estrada,  
Trazendo a minha boca fechada.  
Não posso agora rir e cantar. . .  
Abri meus labios, Sorriso Brando,  
Cabeça de ouro, Celeste Olhar!

Meus olhos foram se empenumbrando,  
Não posso agora vêr e chorar  
Cego, vagueio sem ter cajado  
Ou um rafeiro fiel, ao lado.

---

Não posso agora vêr e chorar  
Abri meus olhos, Sorriso Brando,  
Cabeça de ouro, Celeste Olhar!

A crença aos poucos foi me deixando,  
Não posso ao menos hoje sonhar.  
Timido, eu erro tendo commigo  
Só esse Tedio, que é meu amigo  
Não posso ao menos hoje sonhar  
Fazei que eu sonhe, Sorriso Brando,  
Cabeça de ouro, Celeste Olhar!

Dias e dias levei chorando,  
Não vejo agora mais o luar,  
Não sinto o aroma que sae das flores,  
Não ouço beijos, sons e rumores,  
Não vejo agora mais o luar  
Mostrae-me a lua, Sorriso Brando  
Cabeça de ouro, Celeste Olhar!

---

Entre rochedos, perdido, eu ando...  
Não vejo o fumo branco do lar,  
A fonte encheu-se de sangue e lodo,  
O vento grita, lembrando um doudo,  
Não vejo o fumo branco do lar  
Mostrai-m'o agora, Sorriso Brando,  
Cabeça de ouro, Celeste Olhar!

Sou um marujo. Parti cantando  
E agora tenho medo do mar  
O meu navio perdeu as velas  
Ao choque bruto de mil procellas.  
E agora tenho medo do mar.  
Sede o meu porto, Sorriso Brando,  
Cabeça de ouro, Celeste Olhar!

XI

SINTO ruidos dentro do peito,  
Como os de ferros numa prisão.  
E' neste hospicio pequeno e estreito  
Que grita, doido, meu coração.

Tenho receio de tudo, vejo  
Até as proprias sombras a andar,  
Nojentas bocas de vermes beijo,  
Como um poeta, scisma o luar.

---

Julgo que as moças são uns phantasmas,  
Que me vieram dizer adeus,  
Suas cabeças mostram miasmas,  
Ha larvas pelos semblantes seus.

E então eu penso que o mundo inteiro  
E' um cemiterio cahido já,  
Na voz dos ventos ouço um coveiro,  
Cavando a terra que o pão lhe dá.

Recuo mesmodestas crianças,  
Que eu dantes vi sempre a correr,  
Varam-me o corpo milhões de lanças,  
Sinto em meus olhos brazas a arder.

Todas as pedras, lamuriando.  
Sentidas queixas, ficam de pé  
Cobras no solo vão deslisando,  
E algumas bailam cantando até.

---

Monstros horrendos vagueiam sobre  
O solo, como demonios vis.  
O vento agora parece um dobre.  
Os ares lembram negros covis.

Aves desformes rasgam-me o rosto,  
Comem-me os olhos cheios de puz,  
E vaga pelo meu decomposto  
Cadaver — uma phosphorea luz.

Sou um cadaver, porem que sente  
Doces lembranças do que gosou,  
Da Linda Face Resplandescente  
D'Esta que tanto na vida amou.

Quando me lembro de Vós. eu logo  
Desperto, e rasgo da dôr o véo,  
Onde houve trevas, encontro fogo,  
Some-se o inferno, rutila o céo.

---

Assim a noite de tempestade,  
Que nem da lua mostra o pharol,  
Foge, se raia na immensidade  
Em catadupas igneas — o sol.



## XII

Não me recordo qual foi o dia  
Em que vi Essa Gentil Senhora.  
E quem no mundo se lembraria  
Da vez primeira que viu a aurora?

Não me recordo qual foi o dia  
Em que vi Essas Tranças a flux.  
E quem no mundo se lembraria  
Da vez primeira que viu a luz?

---

Não me recordo qual foi o dia  
Em que vi Esse Rosto Risonho.  
E quem no mundo se lembraria  
Da vez primeira que teve um sonho ?

Não me recordo qual foi o dia  
Em que vi Esse Piedoso Olhar  
E quem no mundo se lembraria  
Da vez primeira que viu o luar ?

Não me recordo qual foi o dia  
Em que vi Esses Labios Traidores .  
E quem no mundo se lembraria  
Da vez primeira que viu as flores ?

Não me recordo qual foi o dia  
Em que fui vel-A do amor com o véo .  
E quem no mundo se lembraria  
Da vez primeira que viu o céu ?

---

Não me recorde qual foi dia  
Em que ouvi Suas Vozes Suaves.  
E quem no mundo se lembraria  
Da vez primeira que ouviu as aves?

Não me recorde qual foi o dia  
Em que Ella um Doce Riso me deu.  
E quem no mundo se lembraria  
Da vez primeira que se benzeu?

Não me recorde mesmo em que dia  
Beijeí Seus Labios cor de cereja.  
E quem no mundo se lembraria  
Da vez primeira que entrou na Igreja?

Só não me esqueço do triste dia  
Em que Ella, irada, me abandonou.  
E quem no mundo se esqueceria  
Da vez primeira que soluçou?



SANTA!



I

ABRAM-SE as portas aureas do Templo  
Da Poesia que vae passar  
Esta, que, em sonhos, doudo, contemplo  
Sobre um altar.

Minh'alma, outr'ora tão altaneira,  
Dobre os joelhos, e, com fervor,  
Implore auxilios á Padroeira  
Do meu amor.

---

Entôe hosanas a miuha lyra !  
Entôe hosanas meu coração !  
Arda meu estro todo na pyra  
Da Inspiração !

E doce, como Santa Thereza,  
Ella em meus versos se ostente assim  
Como se ostenta gentil chinesa  
Num palanquim.

Como que A vejo, trazendo o Rosto  
Curvo, as Mãos sobre o Seio a pender  
No Olhar as brumas de algum desgosto . . .  
Quasi a morrer

Um manto feito de pedrarias  
Cobre-Lhe as Formas Esculpturaes.  
Vela-Lhe as Carnes Brancas e Frias  
Como crystaes.

---

A Sua Trança Negra e Fulgente,  
Divina mescla de sombra e luz,  
Cae sobre a neve resplandescente  
Dos Hombros Nús.

Boiam tristezas e dissabores  
Na transparencia do Rosto Seu.  
Nem mesmo a propria Virgem das Dôres  
Tanto soffreu.

E' uma Freira que no convento  
Da minha vida resando está.  
Eusaia vãos ao firmamento.  
Quando voará ?

Tem nostalgia de alguma terra  
Desconhecida por todos nós.  
Magoas de rôla — viuva encerra  
No Olhar, na Voz.

---

E' uma Santa ! Por isso as minhas  
Crenças, constrictas, A vão pousar,  
Entoando psalmos e ladainhas,  
Sobre um altar.

E, ao ver-Lhe o Triste Rosto de Freira,  
Minh'alma reza, toda fervor,  
Chamando-A a Casta, Santa Padroeira  
Do meu amor.



## II

**V**ISTES aquelle caixão funereo  
Alcatifado de rosas, que ia  
Buscando o rumo do cemiterio.

Nelle uma creança morta se via  
Com as mãos no quieto peito crusadas,  
E a linda face pallida e fria.

---

Trajava longas vestes nevadas.  
Em torno flores. e um rir tão lindo  
Tremia em suas faces geladas.

E Vós dizieis: — Está dormindo.  
Talvez em sonhos é este o motivo  
De ver a sua boca sorrindo.

No emtanto o anjinho não era vivo,  
Buscava as praias do eterno porto  
Humildemente, como um captivo.

E soluçastes sem ver conforto,  
Chorastes, como qualquer criança.  
Quando soubestes que estava morto

O meigo anjinho de loura trança.



Tambem conheço presentemente  
Um moribundo que, pouco a pouco,  
Chegar o espectro da morte — sente.

Grita, blasphema, ri, como um louco,  
Que vê phantasmas e vê caveiras  
E sente ruidos no craneo oco.

Morreram suas crenças primeiras  
Ha muito. e agora vão lhe morrendo  
— Bem prematuras — as derradeiras.

Sempre chorando, sempre gemendo,  
Sabe que morre quando devia  
Ir, como os outros, feliz vivendo.

De uma pessoa sei que podia  
Tornal-o à doce vida de outrora,  
Cheia de sonhos e de alegria

---

Sois Vós, oh minha Gentil Senhora,  
Que Vos cingistes da dôr com a palma  
Vendo morto o anjo da trança loura.

Fazei o mesmo para minh'alma!



### III

**T**ENDES nas Tranças Bastas e Escuras  
Sombras intensas e vaporosas.  
Dão-me a lembrança de sepulturas  
Cheias de goivos, jasmins e rosas.

Tendes nos Olhos Martyrisados  
Cinzeladuras extravagantes,  
Brancoes escriptos estrelleados,  
De ouro, amethistas e diamantes.

---

Tendes na Boca rosas sem vida  
Desabrochando com muito aroma.  
Desejo vel-A por fim mettida  
Cuidosamente numa redoma.

Tendes nos Seios Duros e Lisôs  
Venenos castos, brandos e eternos.  
N'Elles eu vejo mil paraisos.  
N'Elles eu vejo milhões de infernos.

Tendes nas Vossas Mãos de princeza .  
Velludos brancos e tentadores.  
Toda a opulencia da natureza.  
Todo o perfume leve das flores.

Tendes na Pelle côr de alabastro  
Jardins risonhos desabrochando . .  
Essa penumbra contem um astro  
Essa geleira vive queimando . .

---

Tendes na Fala chôros de pomba,  
Aguas sonoras em mansas quedas.  
Lembra um custoso cristal que tomba,  
Se estilhaçando sobre moedas.

Tendes estrelas, anjos em côro,  
Dos Pés à Fronte Santificada...  
O Vosso Corpo lembra um thesouro...  
Porém no Peito não tendes nada!





IV

Sois mysteriosa, viveis sonhando,  
Vedes o mundo por certos prismas  
    Bem singulares.  
Sempre Vos acho triste scismando.  
Devem ser brancas as Vossas Scismas  
    Como os luares.

Tendes no Rosto Pallido e Frio  
Um firmamento gelado e escuro  
    Sem um só astro.

---

Ha n'Elle um vago pallor doentio.  
E' mudo, branco, gelido e puro  
Como o alabastro.

Falais. E à Vossa Fala Macia  
Toda a minh'alma se enche e transborda  
Nesse deleite.  
Embriaga, prosta, vence, extasia.  
Tão branca e doce que me recorda  
Favos de leite.

Sonhais.. E os Vossos Sonhos são como  
Estes oasis convidadores,  
Que ha nos desertos.  
Branços. recordam um niveo pomo.  
Arminhos santos. languidas flores.  
Jasmins abertos.

O Vosso Casto Peito não ama.  
N'Elle uma Alma quasi Sagrada  
Palpitar deve,

---

Não tem um astro, nem uma chamma..  
E' branco e frio como a geada  
Ou como a neve

Tendes, é certo. Negro o Cabello.  
N'Elle minh'alma toda se some.  
Freme, se estanca.  
Porém no resto sois como o gelo.  
Por isso agora Vos dou o nome  
De Dona Branca.





V

**S**ois uma santa! Do céu viestes  
Aureolada por um clarão,  
Por Vós eu ouço pombas celestes  
Cantarem dentro do coração.

Tendes das santas Esses Olhares  
Que são a minha religião.  
Por Vós celebrou missa em altares,  
Que trago accesos no coração.

---

E. como crente que sou, desejo  
Ver realisada minha illusão:  
Guardar a hostia do Vosso Beijo  
Num hostiario — meu coração.

Deus Vos fez pura qual uma planta,  
Mas, receiando qualquer traicão,  
Tirou dos Vossos Seios de santa  
A mancenilha do coração.

Viveis por isso, minha Senhora,  
Sem terdes raiva, nem compaixão;  
Negais o affecto que um poeta implora.  
Porque não se ama sem coração.

Ao ver o Vosso Despreso, sinto  
Magoas, e exclamo com emmoção:  
Meu Deus! Perdi-me num labyriutho!  
Antes nascesse sem coração!

---

Tirae-m'o! Os homens que o têm no peito  
Muito infelizes no mundo são,  
Só haveria prazer perfeito  
No desprovido de coração!

Comtudo agora nem Deus o afasta  
De mim, e vejo que, como um cão,  
A's Vossas Plantas chora e se arrasta  
Submissamente, meu coração.

Sois um' rochedo no qual não medra  
Nem de uma rosa branca o botão.  
Sois uma santa. porém de pedra.  
Pois qualquer santa tem coração.



## VI

**E**LLA resava constrictamente  
Na vasta igreja; resplandecia  
Uma doçura meiga e innocente  
Na Sua Triste Fronte Sagrada,  
Que até confesso, me parecia  
A fronte santa de alguma fada.

As Mãos cruzadas no Peito, fixos  
Os Olhos sobre Nossa Senhora  
Branca, da alvura dos crucifixos

---

Jaspeos, e como Sua Cabeça  
Não vejo coisa no mundo agora  
Que mais me gele, que mais me aqueça.

No Peito a pomba da fé trazendo,  
Que extase puro, religioso,  
Sentia, os santos nos nichos vendo!  
Que extase doce também eu tinha  
Ao ver o Rosto Victorioso  
D'Esta que os anjos chamam — Rainha!

Subia pelos ares o incenso  
Em perfumosas e leves ondas  
Sorria Christo na Cruz suspenso  
Vendo a maneira porque resava  
Esta de Virgens Formas Redondas,  
Que em cada estrella tem uma escrava.

Tremiam grandes nimbos risonhos  
Em torno à Sua Face de santa.  
E, em revoada, todos os sonhos

---

Sorriam, doces, como quem prova  
Mel ou então como quem ri e canta,  
Na Face Casta da Irman mais nova.

Eu, merenchoreo, pensava nisto :  
Deve ser santa para que possa  
Fazer com que anjos, astros e Christo  
Desejam tel-A como rainha .  
Christo, anjos, tudo murmura : — E' nossa !  
Só eu não posso dizer: — E' minha !

A Virgem Santa cheia de flores  
Sorrio ao vel-A, crente, rezando .  
E em meio a tanta luz e fulgores,  
Eu vi, tremendo, — que maravilha !  
Nossa Senhora no altar clamando :  
— Bemdicta sejas, oh minha filha !

Depois (eu julgo que foi somente  
Um sonho) as santas abriram rindo  
Suas redomas, e alegremente

---

Se ajoelharam às Suas Plantas,  
Rezando, e a reza que fui ouvindo  
Dizia : — Salve ! Santa das Santas !

Então a Virgem Maria disse :  
Peço a Ti, cujo Perfil encerra  
Toda a candura, toda a meiguice,  
E és desde muito nossa rainha,  
Que deixes esta lama da terra !  
Queremos ter-Te como visinha!



## VII

Não conto a historia da minha vida,  
Porque ella é triste demais, Senhora.  
Acaso a rosa desfallecida  
Relata suas magoas — á aurora?

Não conto a causa deste quebranto,  
Nem o que soffro por este amor . . .  
Acaso a aurora, que brilha tanto,  
Escuta as queixas da pobre flor?

---

Nem tambem rogo doce guarida  
Na luz dos Vossos Olhos, Senhora.  
Acaso a rosa de olor despida  
Supplica aromas à luz da aurora?

Não Vos declaro porque não canto,  
Nem porque vivo louco de amor...  
Acaso a aurora que tem no manto  
Luz — manda luzes à morta flor?

Não saibais nunca da insana lida,  
Em que me agito por Vós, Senhora...  
Acaso a triste rosa pendida  
Conta os martyrios que tem — à aurora?

Ai! Eu não quero chorar, enquanto  
Sentir no peito chammes de amor...  
Pois vendo a aurora, do céu o encanto,  
Será possível que chore a flor?

---

Não direi mesmo que está perdida  
Toda a minh'alma sem fé, Senhora,  
Acaso a rosa, da haste partida,  
Vae pedir seivas à fulva aurora ?

Não tenho crenças e até me espanto  
Dos Olhos Tristes do meu amor,  
Unica aurora que enche de pranto,  
Em vez de orvalhos, a murcha flor.





## VIII

**C**ONHECE Dona Branca a amargura  
Que em mim habita.  
Minh'alma é uma caverna escura,  
Funda, maldicta !

Silvam serpentes negras e immensas  
Na escuridão.  
Mas rompe às vezes as trevas densas  
Forte clarão.

---

Então ha luzes. Depois a treva  
Desdobra o manto,  
E o clarão treme. se extingue. e leva  
Todo esse encanto.

Tudo então fica muito mais torvo,  
Mais sepulchral.  
E grasna, voando na treva, um corvo  
Descommunal.

Eu permaneço, dia apoz dia,  
Nesta caverna,  
Ouvindo os uivos da ventania  
Feroz, eterna !

No entanto muito risonha outr'ora  
Ella foi já.  
Não via a noite, só via a aurora,  
Que hoje não ha.

---

E a ser a causa disto uma santa  
    Ingenua e meiga  
Como cheirosa, modesta planta  
    De inculta veiga !..

Ella é tão pura como as crianças,  
    Culpa não tem  
De dar-me sombras às esperanças,  
    E a mim também.

Pensa de certo que não é Ella  
    Esta Senhora  
Por quem minh'alma de noite — vela,  
    De dia — chora.

E assim é que estes meus versos lendo,  
    Tristonha diz :  
« Elle hoje chora, vive soffrendo,  
    Mas foi feliz.

---

« E esta Senhora tão adorada  
Gentil e inquieta  
Não julgo digna de ser amada  
Por um poeta ! »

Reflecte. e logo tristonha e calma,  
Como quem quer  
Chorar, exclama : — Não possui alma  
Essa mulher ! »



IX

**T**ENDES orgulho desta luz pura,  
Que enche de magoas esplendorosas  
A transparencia do Vosso Olhar.  
Ha n'Elle rezas silenciosas  
De monges dentro duma clausura  
Agasalhada pelo luar.  
Tendes orgulho desta luz pura,  
Que transparece no Vosso Olhar.

---

Arde, illumina, chispa, fulgura,  
Lança faíscas tão luminosas  
Que até parece de Deus o olhar .  
Quem, vendo tanta luz e doçura,  
Não tem maneiras religiosas,  
Não se ajoelha, não vae rezar?  
Arde, illumina, chispa, fulgura,  
Que até parece de Deus o olhar.

Um hostiario de doce alvura,  
Cheio de goivos e tuberosas,  
Eu vejo em Vosso Profundo Olhar...  
N'Elle palpitam coisas radiosas,  
Despedem raios de tal candura,  
Que ás vezes julgo ver um altar..  
Um hostiario de doce alvura  
Eu vejo em Vosso Profundo Olhar.

Quando me encontro com a amargura  
Procuro allivio nas vaporosas  
Incandescencias do Vosso Olhar.  
E n'Elle eu acho toda a ventura,

---

Que acha o marujo nas bonanças  
E murmurantes ondas do mar  
Quando me encontro com a amargura  
Procuro allivio no Vosso Olhar.

Ha n'Elle tudo o que se procura  
De santo. e chammas tão piedosas  
Não vi ainda num outro Olhar  
Espanca as trevas mais pavorosas,  
Clareia a noite por mais escura  
E faz o proprio chaos rutilar  
Tudo de santo que se procura  
Eu vejo em Vosso Piedoso Olhar.

Fulge uma incrível. rica mistura  
Das pedrarias mais preciosas  
No cofre acceso do Vosso Olhar.  
Então pergunto:—Deus, Quem apura  
No Olhar riquezas miraculosas,  
Pode ser ente commum, e amar?  
Fulge uma incrível, rica mistura  
De pedrarias no Vosso Olhar

---

Algumas vezes minh'alma jura  
Ver duas pombas mysteriosas  
Dentro do ninho do Vosso Olhar.  
Possuem lindas azas niveas  
E flue um casto mel de doçura  
Do seu tranquillo, meigo arrulhar  
Algumas vezes minh'alma jura  
Ver duas pombas no Vosso Olhar

Vê outros vezes pela espessura  
D'Elle — um palacio de fabulosas  
Salas clareadas por Vosso Olhar.  
E pela immensa, risonha altura,  
Em vagas brancas e perfumosas,  
Contempla o incenso se levantar  
Vê outras vezes pela espessura  
Subir o incenso do Vosso Olhar.

Mas, como tudo nem sempre dura,  
Supplico asylo nas carinhosas  
Praias do Vosso Calado Olhar,  
Que suas doces luzes saudosas

---

Me encham de fogos a sepultura  
E que Elle venha me amortalhar  
Mas, como tudo nem sempre dura,  
Supplico asylo no Vosso Olhar





X

**P**ALLIDA e meiga, doce e modesta  
E' minha musa, parece mais  
Alguma freira, calada e honesta,  
Rezando sempre na igreja em festa  
Dos Idéaes.

A's vezes traja vestes garbosas,  
Se enche de flores e de perfumes.  
Na sua face rebentam rosas,  
E tem nos olhos chammass radiosas  
De vagalumes.

Voam abellas. pipilam ninhos  
Dentro da sua boca gentil.  
Tem a alma pura como os arminhos.  
E' um campo cheio de passarinhos,  
No mez de Abril.

Entrega aos ventos a longa trança,  
Revolto oceano de vagas pretas.  
Onde se occulta minha esperança .  
E então persegue—doida criança —  
As borboletas.

Depois se ajoelha, constricta e crente,  
No altar doirado do meu porvir.  
E que delicias ella não sente  
Ao ver a sua reza fervente  
Subir      subir

Tece coroaas finas, brilhantes  
Para as mulheres em que mais seismo.

---

Adorna algumas com diamantes  
E outras com os lírios irradiantes  
Do mysticismo.

Para coroar-Vos, ella—os espaços  
Feitos de sombras e de clarões,  
Cruzou, trazendo nos proprios braços  
Um grande nimbo só de pedaços  
De corações.

---



XI

**S**ONHEI que estaveis morta, cruzadas  
As Mãos no Peito,  
De Faces Quietas e Regeladas,  
Dormindo o somno do ultimo leito.

Vi conduzir-se no esquifesinho  
Para o sepulchro  
O Vosso Corpo, que era um arminho  
Gelificado, cheiroso e pulchro.

Em toda a rua porque passava,  
Se ouviam prantos.  
Pois como ao seio de Deus voava  
Tão cedo Aquella de Olhares Santos?

As criancinhas vinham em bando  
Encher de rosas  
O Vosso Corpo, que ia exhalando  
Essencias doces e vaporosas.

Ramos de flores de laranjeira,  
Jasmins nevados  
Em torno à Vossa Fronte de cera,  
Por sobre os Vossos Labios fechados.

Cahia a tarde. Lugubrememente  
Chorava um sino  
Em mim, dizendo placidamente:  
—Morreu a Estrella do teu destino!

---

Chegaram todos ao cemiterio  
E eu vi, tristonho,  
Cahir no escuro leito funereo  
A Rosa de ouro que foi meu sonho.

Chorando grito, chorando arquejo,  
Na desventura.  
E quando accordo—que magoa! —vejo  
No esquite a minha triste figura.



## XII

**T**RAJANDO roupas brancas, achei-A  
No Seu jardim,  
Por sob os raios da lua cheia,  
Desabrochada flor de marfim.

Dizia a lua:

« Eu moro neste palacio immenso,  
Tenho a tristeza casta dos goivos,

---

Que me foi dada, conforme penso,  
Pelas que viram a morte crua  
Roubar seus noivos.

E Dona Branca disse, tristonha:  
— Trago nos Olhos os vossos brilhos,  
Que têm os olhos de quem não sonha  
Ou das mães, quando longe dos filhos.  
Qualquer pessoa que Me vê — pensa  
Que vê um ramo de violetas,  
E (dizem) vossa luz se condensa  
Na Minha Frente de Tranças Pretas.

Tornou a lua : — Dizem que existe  
Vossa Tristeza Sagrada e Pura  
Na minha face, que hoje é tão triste,  
Como uma pedra de sepultura.  
Todos os astros veem na minha  
Luz — Vossa Magoa Santificada.  
Julgam-Vos uma boa rainha,  
Que do seu reino foi desterrada.

---

E Dona Branca disse: — Na terra  
Me dão o nome de Dona Branca  
Porque Meu Rosto Pallido encerra  
A vossa chamma, que a noite espanca.  
Eu sou tão pura como foi casta,  
Segundo a Biblia, Nossa Senhora.  
Leibro um escritorio no qual se engasta  
O pranto amargo do homem que chora.

E a lua disse : — Sou como um ninho  
Onde a piedade fez agasalho,  
Vigio o somno do passarinho  
E as flores todas encho de orvalho.  
Essas velhiuhas que vagam pelas  
Estradas frias, sem luz, nem casas,  
Eu, carinhosa, vou aquecel-as  
Por sob as minhas tepidas azas.

E Dona Branca disse: — No mundo  
Todos Me adoram e Eu amo a todos.

---

Enxugo o pranto do moribundo,  
Aplaco a furia cega dos doudos.  
Quando Eu accordo, se abrem as flores,  
Dentro dos ninhos cantam as aves,  
Vejo alleluias e resplendores,  
Ouço harmonias proprias das naves.

E disse a lua : — No mundo busco  
Alguem que as dôres que sinto — sinta,  
Em mim ha nevoas de lusco-fusco,  
Cinzas de alguma cratera extincta.  
Procuro em meio da natureza  
Alguem que as minhas magoas entenda,  
Vivo qual uma triste princeza  
Encarcerada, como as da lenda.

E Dona Branca disse : — Sois bôa  
Como estas freiras religiosas,  
Dais-me a lembrança duma lagôa  
Onde andam nymphas deliciosas.

---

Por isso os homens, por isso os poetas  
Proclamam tanto vossa candura.  
— Oceano de aguas frias e inquietas  
— Santo cordeiro de lactea alvura !

Então a lua disse :— Divina  
Julgam-Vos todos os anjos, Santa !  
Vendo-Vos, esse mundo se inclina.  
Qualquer estrella vendo-Vos — canta.  
Os astros fitam mudos e crentes  
O Vosso Rosto que Deus encerra :  
E invejam muito todos os entes,  
Que vivem perto de Vós. na terra.

E Dona Branca disse : — Na Fronte  
Guardo thesouros proprios dum anjo,  
A infinda curva deste horisonte  
Nos Meus Olhares Tristes abranjo.  
Vendo-Me, os homens dobram os joelhos  
E rendem graças a Esses Meus Labios,  
Que são mais roseos do que vermelhos,  
Que attrahem crianças e enganam sabios.

---

E disse a lua : — Sois Vòs de certo  
A que procuro; quero, em meus braços,  
Trazer o Vosso Rosto coberto  
De beijos dados nestes espaços.  
E Dona Branca tornou : — Meu Peito  
Abre-se para conter o vosso.  
Eu julgo o espaço bastante estreito  
Para o tamanho do affecto nosso.

A lua e Dona Branca, ao mesmo tempo :

Tres vezes salvé! noite bemdita,  
Astros de brilhos quentes e glabros,  
Que tremeis nessa torre infinita,  
Em uma fila de candelabros.  
Sobem unidas ao céo a Lua  
Da terra e a lua do espaço enorme.  
Rebentem flores na praia nua!  
Desperte rindo tudo o que dorme!

Uma voz :

Parai! Os poetas viver não podem  
Sem Dona Branca de Olhar Tristonho,

---

Vede como elles, doudos, sacodem  
Os braços, vendo fugir seu sonho?  
Sem Vós — a terra ficará feia.  
Descei, oh Dona Branca formosa,  
Que muitos raios da lua cheia  
Levais nos Olhos de luz saudosa.

Brilhai, oh lua, no céu qual uma  
Desabrochada flor de marfim,  
Emquanto Dona Branca perfuma  
O Seu jardim.

---



**CONFIDENCIA**



Aos quatorze annos parti, sorrindo,  
Na ermida em festa das illusões,  
Porque a miragem dum sonho lindo  
Me desvendava novas regiões.

Ficou sem luzes, incenso e flores  
A padroeira do meu futuro ;  
Não tive pena dos meus amores,  
Deixei a ermida toda no escuro.

---

Nas minhas scismas crescia meiga  
A tenra planta duma chimera,  
Bem como surgem por sobre a veiga  
Trigaes e ninhos, na primavera.

Era-me escudo, broquel e amparo  
A estrella incerta desta esperança.  
Mas tal engano, que não é raro,  
Acho perdoavel numa criança.

Parti      Os anjos da crença tanto  
Me lastimaram, quando parti  
Vi os seus rostos cheios de pranto,  
Cheio de risos meu rosto vi.

Segui, ouvindo risadas loucas,  
Cujo barulho me acompanhava.  
Cantando estavam todas as bocas.  
Toda a minha alma cantando estava.

---

Duma palmeira verde e bizarra  
Vinha vibrante canção tremenda,  
Que ciciava certa cigarra.  
Que tinha as azas feitas de renda.

E os lírios, como dando um conselho,  
Então falaram de entre a folhagem :  
E's creança e, quando fores mais velho,  
Farás, pedimos-te, essa viagem.

Foge ! que as serpes já se alvoroçam  
Dentro dos antros, como galés.  
E eu respondi-lhes : — Por mais que possam,  
Talvez nem possam morder-me os pés !

Elles, sabendo que eu proseguia.  
Choraram tanto que emmurcheceram.  
No céu raiava triumphal — o dia.  
Porém as aves emmudeceram.

---

Olhei. Estavam todas em resa,  
Contritamente, dentro dos ninhos.  
E eu não domava minha surpresa  
Vendo resarem os passarinhos.

E elles disseram : —« A Deus rogamos  
Voltes á terra de onde partiste.  
E's poeta, e o poeta de irmão chamamos,  
E somos tristes, quando elle é triste! »

Esta viagem suspende agora,  
Que ella mais tarde ser-te-á fatal... »  
E eu disse : Salvé, fulgor da aurora,  
Que o céo transformas num papoílal !

E elles tornaram, rufando as azas :  
— Não é a aurora, poeta, o que fitas.  
Não são papoilas — aquellas brazas.  
Nem ouro — aquellas chammas maldictas.

---

« Não vós nos ares — sangue? Pois deve  
Ser o assassinio do sol, que sente  
A morte, e a noite virá, em breve,  
Encher o espaço completamente.

« E. para em cinzas tornar-se o fogo  
Da tua crença férvida, sobre-o  
O Tédio. A' ermida não voltei logo  
Por ver ferido meu amor proprio.

Já receioso, trazendo na alma  
Bruxoleiante do sonho a luz,  
Segui. Morria, de face calma,  
O sol glorioso, como Jesus.

E a noite aos poucos surgiu, povoando  
De sombras vagas o espaço todo.  
Minh'alma estava douda ficando.  
O poeta estava ficando doudo!

---

Não vi mais aves nas alamedas,  
Nem a luz fulva da madrugada.  
Só t<sup>ã</sup>m espinhos — essas veredas,  
E' cheia de urzes toda essa estrada.

Num labyrintho negro, perdido  
Estou, e delle ninguem me arranca.  
E, ao doce brilho do luar dorido,  
Tenho saudades da ermida branca.

E, ao ver a lua na immensidade,  
Julgo ver Minha Mãe a resar,  
Para abrigar-me da tempestade  
Com o fluido santo do Seu Olhar.

---

# POST-SCRIPTUM



**G**RAVEI, cuidadoso, quatro mulheres  
Nos alabastros dos versos meus.  
Poeta, no mundo, que inda mais queres?  
Quem ama a tantas é como Deus.

**P**intei Seus Rostos Maravilhosos,  
Enchi de estrellas os Seus Olhares,  
Deitei-Lhes nimbos esplendorosos.  
São quatro santas em quatro altares

---

Mostra a Primeira na Loira Trança  
Um sol sem uma nódoa sequer.  
Possue a graça duma creança  
E a magestade duma mulher.

Guarda a Segunda — noites escuras  
Em as Madeixas Abençoadas..  
Mostra a maldade das creaturas  
Junto ao encanto proprio das fadas.

De tão formosa lembra a Terceira  
Algum capricho do Creador  
A Sua Pelle combure e cheira,  
São Seus Cabellos — um resplendor.

A Quarta é como nivea camelia,  
Que surge longe das outras plantas.  
Tem a belleza que teve Ophelia,  
E o mysticismo que têm as santas.

---

A Carne d'Esta lembra as espumas,  
Que, sobre as aguas, florindo vão.  
No Olhar d'Aquella se esgarçam brumas.  
Ess'outra é quente como o Verão.

Uma pompeia nos Duros Seios  
Ô viço e a força das primaveras.  
Outra recalca febres e anceios  
No sangue, que arde como crateras.

Lança a Primeira dos Olhos — ondas  
De ouro, a Segunda — noites sem fim.  
Tem a Terceira Formas Redondas,  
Mas As da Quarta são de marfim.

Só penso n'Ellas durante o dia,  
E toda a noite por Ellas chamo,  
Qual uma triste rola erradia,  
Que vae cantando, de ramo em ramo.



## NOTAS.

Este livro, que tem a prioridade na publicação, não foi o primeiro que compuz. Escrevi o *Hostiario* de 1896 a 1897, quando já estavam promptos as *Flammulas* e os *Poemetos*. Se o prefiro aos outros para a minha estréa é porque o acho o mais sincero de todos, embora a uniformidade do metro e do assumpto possa tornal-o enfadonho. Quanto ao primeiro caso, tenho a declarar que usei propositalmente d'um só rhythmo de verso, competindo ao leitor dizer se eu soube, ou não, desfarçar a monotonia que talvez d'ahi provenha. Relativamente ao assumpto...

\* \* \*

O pequeno trecho que vem na capa e no frontispicio deste livro é extrahido d'um dos artigos que Mucio Teixeira escreveu ao meu respeito e que foram publicados no «Jornal de Noticias» desta Capital, em Setembro de 1896 e na «Cidade do Rio», em Novembro de 1897.

\* \* \*

Escaparam muitos erros, de pontuação principalmente, que o leitor poderá corrigir com facilidade.

Entre outros ha o seguinte:—Pag. 164, tercetto 2.º, onde se lê:

... é este o motivo  
De ver a sua bocca sorrindo.

Leia-s :

... e este é o motivo  
De eu ver a sua bocca sorrindo.

F. M.



# INDICE



DEDICATORIA.

5

## DONA LAURA

I—Os versos que ora, cuidadoso, escrevo.	9
II—Quando viestes, os passarinhos.	13
III—Accordei hontem de madrugada	15
IV—Sois tão formosa, tão decantada	19
V—São os Seus Olhos cor da esperança.	23
VI—As minhas crenças são passarinhos.	27
VII—Mãos de princeza, Mãos Delicadas	31
VIII—Toda de preto me parecia.	35
IX—Sois uma fina	39
X—Eu sou um Novo Christo, Senhora.	43
XI—Se Dona Laura soubesse quanto .	47
XII—Eu sei que os homens sorriem todos	51

## DONA LEONOR

I—Nestas poesias eu Vos proclamo	57
II—Agora vivo, dia apoz dia,	61
III—Houve em minh'alma	65
IV—Vivo isolado; não vejo flores	69
V—Não ha no espaço noite mais negra.	73
VI—Eu vivo dentro dum Campo-Santo	77
VII—Apezar d'Estes Olhos e d'Esta.	81
VIII—Os passarinhos gorgeliam, quando.	85
IX—Fui encontrar-Vos numa janella.	91
X—Palpitam chammas, gorgeliam aves.	93
XI—Então não cantas?--a um passarinho	97
XII—Minha Formosa Senhora, um poeta.	101

## REGINA !

I—Palpitem luzes no espaço inteiro!	109
II—Quando nas salas, tremulo, vejo	113
III—Passastes cheia de luz, trazendo	117
IV—Sois uma cobra que anda de rastro.	121
V—Tendes na Boca philtros divinos.	125
VI—Já me disseram que Vossa Trança	129
VII—Na festa... Toda de branco... Nunca	133
VIII—Rides... E eu penso que Este Sorriso	137
IX—Em alegrias forte prorompa	141
X—Venho de longe, peregrinando.	145
XI—Sinto ruidos dentro do peito .	149
XII—Não me recordo qual foi o dia .	153

## SANTA!

I—Abram-se as portas aureas do Templo	159
II—Vistes aquelle caixão funereo	163
III—Tendes nas Tranças Bastas e Escuras	167
IV—Sois mysteriosa, viveis sonhando,	171
V—Sois uma santa! Do céo viestes	175
VI—Ella resava constrictamente	179
VII—Não conto a historia da minha vida.	183
VIII—Conhece D. Branca a amargura	187
IX—Tendes orgulho desta luz pura.	191
X—Pallida e meiga, doce e modesta	197
XI—Sonhei que estaveis morta, cruzadas	201
XII—Trajando roupas brancas, achei-A.	205
CONFIDENCIA.	213
POST-SCRIPTUM.	221
NOTAS	229







DO MESMO AUCTOR

FLAMMULAS (versos)	1894-1896
POEMETOS	1894-1896
S. THERESA DE JESUS (prosa)	1897
EM CANUDOS (verso)	1897-1898













## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).